

PERFIL

OS OLHOS DE BRASÍLIA

Oswaldinho Rocha, 88 anos, chegou ao Planalto Central em 1959, comprou a primeira máquina para entrar nas festas dos clubes e nunca mais largou. Foi telegrafista, professor, corretor e editor de jornal

» JOÃO PEDRO DE LARA RESENDE

Oswaldo Rocha dirige sozinho até a QI 17 do Lago Sul, estaciona o Corolla cinza em frente ao Fashion Park, cabelo penteado para o lado, de camisa polo, e abre a porta. Dentro do carro, há jornais no piso da frente, revistas no banco do passageiro, álbuns no assoalho de trás e fotografias soltas sobre o assento. No porta-malas, mais papel — e a câmera. Aos 88 anos, de olhos azuis claros, ele mergulha naquele arquivo ambulante, remexe por alguns segundos e emerge com exatamente a foto que procurava.

Ele sabe onde está cada uma. São 10 mil.

Entra na Trattoria da Rosario, restaurante italiano da quadra, e espalha as imagens sobre a mesa, entre os talheres: um presidente da República aqui, um ministro do Supremo ali, Pelé acolá. Aponta uma e já diz o lugar, o ano, quem estava em volta.

Quem vê o senhor elegante distribuindo fotografias pelos restaurantes do Lago Sul dificilmente imagina que a carreira começou por um motivo bem menos nobre. Era paquera.

Conhecido em Brasília como Oswaldinho, ele nasceu em 12 de junho de 1938, em Passa Quatro, no sul de Minas Gerais, filho de Ernani Rocha e Jovita Torres Rocha. Chegou ao Planalto Central pela primeira vez em novembro de 1959, aos 21 anos, num avião da Força Aérea Brasileira (FAB). Desembarcou de madrugada, debaixo de temporal. Não havia onde morar. Dormiu em camas de armar, num barraco de madeira na Candangolândia, ao lado da central telegráfica do antigo Departamento de Correios e Telégrafos (DCT). Almoçava numa cozinha improvisada no meio do Cerrado, em mesas de tábuas. “Uma mão comia, outra espantava a mosca”, lembra, rindo.

O pai era o superintendente do DCT na nova capital. Ernani e Jus-

Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Oswaldo Rocha, fotógrafo pioneiro em atividade no restaurante Trattoria da Rosário

celino Kubitschek tinham sido colegas — ambos começaram como telegrafistas —, e no ano seguinte JK o levou para chefiar o serviço postal do Palácio do Planalto. “Eu ia lá no Palácio, conversava com ele”, diz Oswaldinho sobre o presidente.

A primeira temporada durou pouco. Morando mal, ele voltou ao Rio de Janeiro no fim do mês e retornou uma semana antes da inauguração, numa caravana de funcionários transferidos. Um ano depois, ganhou um dos apartamentos JK da SQS 413, de quarto e sala.

Foi naquele prédio que quase morreu. Num domingo, a irmã chegou sem a chave. Oswaldinho olhou o telhado e concluiu que era simples: bastava descer por uma corda até a janela dela. Achou uma na obra ao lado e subiu.

A corda arreventou. Ele despencou de costas do terceiro andar e só não se espatifou porque quatro fios de alta tensão, esticados entre os blocos, amorteceram a queda. Acordou no hospital sem lembrar como tinha chegado lá.

Sessenta e seis anos depois, ele continua achando que é simples.

Pé de valsa

Bom jogador de basquete — o pai treinava o esporte em Passa Quatro —, Oswaldinho estudou no Caseb, a escola mais antiga de Brasília, aberta menos de um mês após a inauguração da cidade. Fazia o curso comercial à noite, depois do expediente nos Correios, e se formou técnico em contabili-

dade, em 1963. “Fui aluno lá com todos os filhos de deputados, senadores, ministros.” À tarde, enquanto os colegas iam aos clubes de Geografia e de História, ele ficava na sala de música. Dançando. Com as meninas, claro.

Virou presença obrigatória no Iate Clube, no Jockey e no Congresso. A turma não perdoou e apelidou o mineiro de Pé de Valsa.

A câmera veio no embalo. Uma 6 por 6, comprada com objetivo prático. “Eu me aproximava das meninas — fotografar, dar foto para ela. Era uma maneira de fazer amizade”, explica, sem cerimônia nenhuma. Funcionou. E aí ele descobriu uma coisa: com uma câmera na mão, entrava em qualquer festa da cidade.

Aquela primeira máquina não

durou muito. “O cara sumiu com a máquina”, resume, sobre o conhecido que a levou para consertar.

As fotos iam para Catucha, que assinava uma das primeiras colunas sociais do **Correio Braziliense**. “Eu cobria casamentos e festas, deixava as fotos para ela”, conta.

Nunca largou

Oswaldinho ficou oito anos no DCT, passando telegramas. Em 1968, foi aprovado no exame de suficiência em geografia pela Universidade de Brasília (UnB) e voltou ao Caseb — agora do outro lado da sala, como professor da matéria. Abriu imobiliária. Na extinta Sociedade de Abastecimento de Brasília (SAB), foi assessor da presidência e presidiu a Associa-